



ANDERSON BRAGA HORTA / CURT MEYER - CLASON – 50 POEMAS / 50 GEDICHTE

Gerson Valle

Cada vez mais me parece difícil abarcar meu país de relance. Se a contemporaneidade nos regala uma multiplicidade cultural de perencimento globalizante, que nos estonteia ante a crescente densidade demográfica com variados novos valores, o mesmo fenômeno ocorre microproporcionalmente em cada país. Só que a proporção “micro” no meu país é, em si, gigantesca. Não há um Brasil, mas brasis. O conhecimento do microuniverso se atém, em geral, à região, quando não ao estado ou mesmo município. É difícil traçar-se num “vol d’oiseau” um perfil de todas as nossas realidades culturais. No campo da Poesia, tenho observado que, a despeito da massificação que acompanha o aumento populacional e as dificuldades educacionais, parece haver uma tendência ao desenvolvimento de talentos, como de expressões mais adequadas à nossa formação. Com isto percebo que em cada canto do país há realces que outros cantos desconhecem. Indo à Bahia, deparo com poetas de fôlego, com academias próprias vivendo realidades diferentes das do Rio de Janeiro, por exemplo. O mesmo se pode dizer numa ida a Pernambuco, Maranhão, Paraná, etc. Claro que há nomes que atingem um território mais extenso, até mesmo nacionalmente, podendo chegar ao exterior. Mas, o fenômeno, como me referi desde o início, é inerente aos tempos de um mundo que recebe excessivos destaques em áreas diversas, tornando quase impossível dar-se a atenção devida aos merecimentos destacados de cada lugar.

Anderson Braga Horta é um poeta maduro, por sua larga experiência de vida e de militância literária. Pode-se mesmo dizer que sabe tudo de Poesia, e possui uma obra em tudo respeitável. Mineiro

de Carangola, tanto o pai quanto a mãe eram poetas e ele já no colégio lia e escrevia versos. De início entre o Romantismo, Simbolismo e o Parnasianismo, vindo a adicionar o Modernismo quando se mudou para o Rio de Janeiro e cursou a Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil (atual UFRJ). Em 1960 foi para Brasília, iniciando o curso de Letras da UnB e tornando-se Diretor Legislativo da Câmara de Deputados como também professor, atuando ativamente nas manifestações literárias da cidade. Foi cofundador da Associação Nacional de Escritores – ANE, tendo sido seu secretário-geral, sendo também membro atuante de outras entidades literárias, publicou artigos, contos, poemas, críticas literárias, ensaios, tradução de inúmeros poetas, em vários livros e na imprensa em geral. É detentor de vários prêmios literários, destacando-se o Jabuti de Poesia, da Câmara Brasileira do Livro, em 2001, pela obra “Fragmentos da Paixão”. Falar de Anderson Braga Horta é traçar o histórico da Poesia na capital federal.

Curt Meyer-Clason (Ludwigsburg 1910 - Munique 2012), escritor, tradutor e editor alemão, viveu alguns anos no Brasil. Com seu conhecimento de português e espanhol traduziu para o alemão obras de escritores hispano-americanos (como Borges, García Márquez, Neruda), portugueses (como Eça, Jorge de Sena, Miguel Torga) e brasileiros (como Machado, Clarisse, Drummond, João Cabral, Jorge Amado, João Ubaldo, Ferreira Gullar). Para as traduções dos livros de Guimarães Rosa manteve com ele uma importante correspondência que foi publicada, aonde Rosa esclarece muito de seus achados linguísticos. Sua tradução do “Grande sertão: veredas” é considerada uma obra clássica no gênero, e propagou de forma muito



Anderson Braga Horta

positiva mestre Rosa na Alemanha. Eu, aliás, sirvo de testemunha por ter tido um colega alemão num pós-graduação na França, que se aproximou de mim, tornando-nos amigos, pela curiosidade que lhe suscitou o Brasil na admiração por Rosa/Curt-Meyer que lera e relera algumas vezes.

Em viagem por Brasília, Curt-Meyer Clason esteve com Anderson Braga Horta. Algum tempo depois, publicando Anderson sua Poesia Reunida até 2000, enviou-lhe cordialmente um exemplar para a Alemanha. Para a surpresa do poeta brasileiro, recebeu de volta a tradução de muitos dos poemas de sua Reunião. Agora, com Curt-Meyer já falecido, Anderson juntou 50 dessas traduções, visando a publicação bilíngue (português e alemão), o que ocorreu em tempos pandêmicos: “Anderson Braga Horta – 50 Poemas; 50 Gedichte – Curt-Meyer Clason” (Tagore Editora, 2021).

Mesmo cada núcleo de Poesia existente nas diversas regiões do país constituir confraria fechada entre seus próprios membros,

quase se desconhecendo uns aos outros, há destaques que ultrapassam os limites geográficos. De há muito as obras de Anderson Braga Horta têm atingido o mundo literário do país. Mesmo já tendo sido anteriormente traduzido, agora, pode-se dizer, ter avançado uma grande fronteira com seus versos vistos pela ótica alemã de Curt-Meyer Clason, dos mais abalizados tradutores da Literatura latino-americana em espanhol e português. Nada mais merecido. Convido meus leitores lusófonos e germanófonos a adentrarem-se por esta publicação de alta qualidade poética bastante reconfortante intelectual e sentimentalmente nestes tempos de perversidade pandêmica.

Gerson (Pereira) Valle é poeta, escritor, novelista de Os Souvenirs da Prostituta e autor de Dentro da Mata Densa, Jorge Antunes, Uma Trajetória de Arte e Política, entre outras importantes obras. Libretista das óperas Olga e Leopoldina, de Jorge Antunes.



pesadelo
um país inteiro
cortam a fotossíntese amazônica
pesadelo
um planeta inteiro
um boçal
destruindo os meios
a casa, o ar, a água, a terra
soterra
sobradinhos e marianas
boçal
boçais
o meio ambiente é a vida
última praga?
livrai-nos dos maus!
Volta, acende a Luz!

Celly Mollytor é escritora, poeta, professora e pós-graduada em Gestão e administração hoteleira na instituição de ensino Senac São Paulo.

Manchetes em Versos

poemetos de Rosani Abou Adal



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

INOCÊNCIA

Raquel Naveira

Deparei-me com um quadro clássico: “A Inocência”, de William Bouguereau (1825-1905), um pintor acadêmico francês, que dominava perfeitamente a forma e a técnica realista. Trata-se de uma moça descalça, recostada numa fonte. O vestido é simples, branco, vaporoso. Um jarro ao chão. Dois anjos, um em cada ombro, parecem dispostos a elevá-la ao céu. Um deles deposita uma flor em seu decote. Talvez seja uma camponesa. A personificação da inocência, essa qualidade de quem é incapaz de praticar o mal. A pureza tem um poder que protege. É uma necessidade de realização plena de uma vida em comunhão com Deus no coração, nas intenções, nos pensamentos. É uma maneira limpa, sem contaminação, de ver as coisas, afinal, “para os puros todas as coisas são puras”.

As crianças possuem essa inocência. São crédulas, imaginativas, acreditam em tudo que contamos, confiam e admiram os adultos. Presas fáceis da crueldade humana. É necessário manter vivo esse estado de infância em que habitam a criança e o poeta. Mas como lavar as mãos na inocência? Dispensando amigos rudes? Não se lamentando nunca da própria sorte? Controlando a mente? Abstendo-se de tudo que mancha e entorpece os nervos? Invejo quem não conhece motivos de dor e revolta. Queria o conforto da inocência. Bem sei o que sinto e o porquê sinto. Conheço os finais trágicos das histórias e dos romances.

E por falar em romance, *Inocência*, do Visconde de Taunay, é um livro encantador, charmoso, suave e pitoresco. Um caso de amor contrariado, em meio à luxuriante natureza do sul de Mato Grosso.

Alfredo d’Escragolle Taunay (1843-1899), primeiro e único Visconde de Taunay, foi um nobre aristocrata, escritor, músico, político, historiador e sociólogo brasileiro. Lutou na Guerra do Paraguai como engenheiro militar, de 1864 a 1870. Desta experiência surgiram os livros: *A Retirada da Laguna*, episódio

épico, vibrante, descrevendo a bravura dos heróis que foram obrigados a bater em retirada, perseguidos por numerosos inimigos e pela peste que os dizimava e *Inocência*, uma joia de estilo natural e romântico. O leitor se sente cativado pela narrativa e se indaga qual seria o final daquele triângulo amoroso formado pela bela Inocência, de faces mimosas, cílios sedosos e olhos matadores; Cirino, o prático em farmácia que percorria os caminhos medicando as pessoas e Manecão, o noivo violento, bruto, a quem ela era prometida. Tudo se passa numa fazenda próxima ao município de Santana do Paranaíba, nos ermos do cerrado cheirando a araticum;

Inocência era um ser com pouca consciência de si e, ao mesmo tempo, tão cheia de resistência, que preferiu a morte a renunciar ao amor verdadeiro que sentia por Cirino. E a morte desceu sobre os amantes com sangue e vingança.

Meyer, um cientista que caçava insetos para os museus europeus, batizou com o nome de “Papilio Innocentia” uma espécie de borboleta, talvez laranja e preta, que tremulava as asas sobre os tufos de hortênsias.

Essa obra prima regionalista tornou-se o romance brasileiro mais traduzido da época e, mais tarde, foi considerado o precursor da literatura sul-mato-grossense.

Viram? Assim como Taunay, conheço os dramas de guerras e do amor e morte universais. Tenho prática em viagens. Explorei as margens dos rios Taquari e Aquidauana. Escalei morros e mergulhei em cachoeiras. Quem viaja sozinha por essas matas, não é mais inocente. O prazer que tive ao observar aquele quadro e ler aquele livro me surpreende e emociona. A inocência tem a marca da originalidade e faz chorar.

Raquel Naveira é escritora, cronista, poeta e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.



Um ourives da linguagem

Metrópole

Ronaldo Cagiano

Em seu percurso literário e existencial, Cunha de Leiradella contabiliza uma bibliografia premiada e bem recebida pela crítica, antes e depois de sua chegada ao Brasil (em 21 de abril de 1958, para escapar à ditadura salazarista), onde viveu mais de quatro décadas, antes de retornar às suas raízes portuguesas, vivendo atualmente em São Paio de Brunhais, no Concelho de Póvoa do Lanhoso, no distrito de Braga.

Aos 87 anos e em plena atividade criativa e intelectual, o autor (que durante sua vida, primeiro no Rio, e a maior parte em Belo Horizonte, onde foi presidente do Sindicato dos Escritores de Minas Gerais e agitou a cena literária da Capital), acaba de lançar seu novo livro, "Isto não é um romance" (Ed. Nova Fronteira, Rio, 2021, 120 pgs.).

Obra que dá continuidade às deambulações de Eduardo da Cunha Júnior, personagem que habita suas histórias na pele de protagonistas tão diversos e constitui uma fauna espalhada por mais de vinte títulos como "Sargaços" (1984), "Cinco dias de sagração" (1993), "O circo das qualidades humanas" (1998), "O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior" (1997), "Os espelhos de Lacan" (2004), dentre outros, transitando pelo conto, novela, infanto-juvenil, dramaturgia, jornalismo.

Funcionando como espelho autoral, Eduardo da Cunha Júnior empreende nesse novo romance uma espécie de encontro de contos com a própria vida. Septuagenário, vive sua recolhida aposentadoria e estratégica insularidade na companhia de dois seres que poderiam parecer-lhe estranhos intrusos, mas revelam-se interlocutores silenciosos em sua misantropia e reclusão: o gato Tovarich e a passarinha Minha, que lhe dão suporte psicológico ao lado de seus livros, enquanto des(a)fia o novo da memória. Na convergência entre o passado e o presente, as lembranças de um amor platônico, que

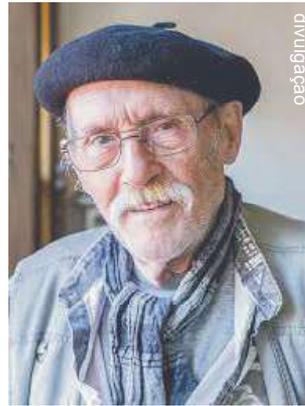
agora emerge sob o influxo de um tempo premido pela monotonia, apenas quebrada por esse diálogo ficcional em que uma realidade sensorial e emotiva aflora, dando asas a uma intimidade mental e psicológica repleta de expansões oníricas.

No rio caudaloso das recordações, o personagem deslinda suas leituras, revisita seus autores prediletos (vamos encontrar a intertextualidade, ao invocar autores como Albert Camus, David Mourão-Ferreira, Celine etc), retoma os passos de certos personagens que, ao fim e ao cabo, são projeções de sua própria geografia, na apreensão dos sentidos de uma vida, como um estrangeiro a viver o mais fundo de sua noite, o seu outono indesviável.

O livro vai exumando o tempo de Eduardo da Cunha Júnior, onde Beatriz renasce simbolicamente como metáfora da inconcretude, o que alimentou sua juventude seja em termos afetivos ou na funcionalidade do cotidiano, período em que viveu conflituosa relação com os pais, enquanto passava os dias encenando fados com um amigo na expectativa de um amor não correspondido, porque não declarado àquela musa de seus tempos de liceu.

Leiradella consolida com "Isto não é um romance" (e aqui encontramos uma alegoria magritteana ao universo das aparências que a arte sempre evoca ao nos contrastarmos conosco e com o mundo tangível) sua rica bibliografia, prestigiada por algumas das mais importantes lãureas do Brasil e do exterior, destacando-se: Prêmio Antônio Chinaglia (Rio, 1981), Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte (1984 e 1986), Prêmio Plural (México, 1987 e 1990), Prêmio Instituto Nacional do Livro-INL (1988), Concurso Nacional de Contos do Paraná (1990), Prêmio Cruz e Sousa (Florianópolis, 1995), Prêmio Literário Terras de Lanhoso (1997), Prêmio Caminho de Literatura Policial de Portugal (1999).

Verdadeiramente um sensível ourives da linguagem, como enfa-



Cunha de Leiradella

tiza o professor, escritor crítico e ensaísta Adeldo Gonçalves, que na apresentação ressalta as qualidades intrínsecas e as sutilezas estilísticas do autor: "a partir do fluir de recordações do narrador, a dissimulação como traço distintivo do seu caráter, o que nos leva a concluir que seria uma espécie de Capitu portuguesa em formação. Em resumo: neste conto-romance, Leiradella, tendo vivido pelo menos metade de sua vida no Brasil, soube como unir o que de melhor cada variação do idioma português nos dois continentes poderia lhe oferecer, produzindo um texto sensível que se destaca pelo vigor da linguagem e por frases poéticas compostas pela habilidade de um verdadeiro artesão da palavra."

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta, crítico literário, advogado, contista e ensaísta. Reside em Portugal.

Flora Figueiredo

- aonde vai o
arranha-céu?
- vai concretar
o azul.
- e o azul não faz
nada?
- veste-se de fumaça,
que é seu luto oficial.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento e Florescência*.

por onde caminho
ouço estrelas
sinto o cheiro longo do mar
por onde caminho
minha alma se encontra
com a mata
por onde caminho
a dança dos povos originários
faz céu chover
por onde caminho
meu coração se alarga
meus sentidos se aguçam
por onde caminho
o vento dissipa do meu peito
o que não tem mais jeito
por onde caminho
vou só
não me sinto sozinho

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC).

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em
todo o território nacional.
Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Centenário de Nascimento do autor de *Muralhas Cinzentas*

Rosani Abou Adal

Paulo Dantas, escritor, ensaísta, crítico literário, romancista, ficcionista, biógrafo e jornalista, nasceu no dia 13 de janeiro de 1922, em Simão Dias (SE). Saudade dos almoços em sua casa, na Rua Angelina Santisi, em São Paulo, para comemorarmos nossos aniversários - o meu quatro dias depois do dele. O cardápio nordestino era sempre farto. O bom do almoço eram os agradáveis papos.

Doces e saudosas lembranças do 'menino jagunço' - grande amigo e camarada - estarão sempre vivas nas minhas lembranças. Ele me ligava, pedia para pegar o gravador e ir voando para sua casa porque estava inspirado. Algumas vezes ditou artigos para serem publicados no LV.

Desabafo de um escritor mal pago foi o primeiro texto de sua autoria publicado no *Linguagem Viva*, na edição nº 4, Ano I, página 5, dezembro de 1989. O último artigo foi *Centenário de Caio Prado Júnior*, na edição nº 210, Ano XVIII, fevereiro de 2007. Quatro meses após a publicação do seu derradeiro texto, a edição nº 214, junho de 2007, Ano XVIII, abrigou na primeira página o artigo *De repente, Paulo Dantas faz viagem fora de hora*, do saudoso jornalista e escritor Nildo Carlos Oliveira.

Fui sua assistente quando exerceu o cargo de diretor de eventos do antigo Museu da Literatura - Oficina da Palavra - Casa Mário de Andrade. Um ano de aprendizado com eventos inesquecíveis e com as entrevistas que ele fez com grandes nomes da nossa Literatura como Marisa Lajolo, Edilberto Coutinho, entre outros renomados escritores.

Na época, em 1989, num jantar na Pizzaria Speranza, no Bexiga, em São Paulo, em companhia do saudoso amigo e editor do *Linguagem Viva* Adriano Nogueira, entrevistamos Paulo Dantas. Foi gravado um vídeo em VHS que tenho o prazer de abrigá-lo em meu acervo. Ele contou que conheceu Monteiro Lobato quando foi pedir ajuda para poder tratar da tuberculose, em Campos do Jordão (SP).

Lobato tomou um susto, porque Paulo Dantas era muito parecido com seu filho Guilherme já falecido.

A *Descoberta de um autor Piracicabano*, artigo de Paulo Dantas, publicado na página 3, junho de 2005, edição nº 190, Ano XVI, reativa na memória uma doce lembrança do dileto amigo. O texto foi sobre o livro, de João Malagueta, *Os Três Sertanejos*. Paulo me ligou convidando para um encontro com o Malagueta em sua residência e que era para levar alguns exemplares do jornal. Para minha surpresa, o autor piracicabano descoberto não apareceu. Proprietário da Pizzaria Venite, na Avenida Rodrigues Alves, não pode comparecer devido ao grande movimento no seu estabelecimento. Presenteou com pizzas de diversos sabores que o Paulo escolhia e o motoboy entregava. Lembro que Maria Lúcia Lopez e sua filha foram visitá-lo e também convidadas a comerem as pizzas que não paravam de chegar. Paulo não queria que fôssemos embora. Tarde da noite, a condução já estava mingando, por minha sorte Maria Lúcia me deu carona para casa.

Outra doce lembrança foi um almoço em sua casa, no primeiro dia do ano, com a presença das escritoras Maria Lúcia Lopes e da Eunice Arruda, saudosa amiga. Maria Lúcia fez uma espécie de meditação e o Paulo disse estar vendo nossas auras.

Paulo Dantas sempre encantará com suas *Joanas Imaginárias*. A linguagem dantasiana marca seu estilo próprio e conciso. Seus livros, de biografias - importantes aos estudiosos e pesquisadores - e toda sua obra, necessitam urgente de reedições. A maioria dos seus livros está com edições esgotadas e nossa Literatura está ficando enferma sem a reedição dos livros do jagunço-menino.

Detentor dos prêmios *Coelho Neto* e *Afonso Arinos* da Academia Brasileira de Letras, *Mário Sete* do *Jornal de Letras*, do *Pen Clube* de São Paulo, do Prêmio Câmara Municipal de São Paulo e do *Fernando Chinágua*.

O autor de *Menino jagunço* criava, com a alma, personagens



vivos que deixaram fortes marcas na nossa Literatura e se eternizam no tempo.

Exerceu os cargos de vice-presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão e de presidente da Academia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil. Foi membro da Academia Piracicabana de Letras e da União Brasileira de Escritores.

Seguem trechos da entrevista que fiz quando Paulo Dantas completou 85 anos, publicada na edição nº 209, janeiro de 2007.

- O que significa completar 85 anos e quais são suas perspectivas?

- Nasci no ano da *Semana de Arte Moderna de 1922* e da fundação do Partido Comunista. E a lobatina Emília gritando independência ou morte. Estou na terceira infância, agora marcho para a velhice com ordem e progresso. Amar e querer bem a Deus e ao mundo e procurar os heróis do nosso tempo.

- Quais são os referidos heróis?

- Bernardo Saião - estradeiro-mor da Belém-Brasília; Antonio Conselheiro, professor místico dos Sertões; e Euclides da Cunha, sertanejo antes de tudo forte. Não posso me esquecer de Padre Cícero na oração e de Lampião na valentia e no trabalho; do precursor da industrialização brasileira, Belmiro Gouveia. Muitos outros heróis existem que não cultuo para não cair no pecado da omissão. Um herói nunca morre. Planta e colhe dobrado no chão social dessa pátria estremecida.

- O que significa o sertão?
- O sertão é minha infância e meu embasamento nacional. Nos dias da minha mocidade escrevi memórias dos desperdícios amorosos. Minha mãe, Maria Bonita e Anita Garibaldi representam a identificação e o chão do sertão. Mulheres rendeiras tecem sonhos e ilusões.

- Qual é seu melhor livro?
- O *Livro de Daniel*, o meu romance mais trabalhado. Levei 12 anos na sua elaboração. Este penso seja meu melhor livro, apenas tendo uma edição comemorativa, na Editora Francisco Alves, quando dos anos 60 criei sem saber muitas teorias literárias. Uma delas fez sucesso, a do calado pertencido em que cada homem é um navio tendo ostras e cicatrizes no seu calado e às vezes se torna contentido quando a gente aceita vitórias e derrotas. O *Livro de Daniel* teve 5.000 exemplares e está precisando de uma editora que queira investir no romance brasileiro.

- Qual personagem criou com que mais se identifica?

- É o Daniel. Guimarães Rosa disse que Daniel é um gênio ignorado.

- Qual é o personagem mais feliz?

- É o *Capitão Jagunço*. Escrevi o livro em um mês, estava muito inspirado.

- Qual é sua fonte de inspiração?

- A vida viva, a experiência experimentada. Para que dizer mais, isto já diz tudo. Agora esbarro com o meu clássico - "viva". Viva a *Linguagem Viva!*

- O que representa *Aquelas Muralhas Cinzentas*?

- Foi meu livro de estreia, escrito no raiar da mocidade, inspirado diretamente nos seis meses que convivi com os presos da penitenciária agrícola de Neves, dirigida pelo político mineiro José Maria de Alckmin. Uma estreia feliz bem aceita pela crítica e livraria. Até ganhou um prêmio espontâneo da Academia Brasileira de Letras. Influenciado pelas recordações da *Casa dos Mortos*, de Dostoiévski, antes das *Memórias do Cárcere*, de Graciliano, dava minha humilde contribuição ao tema carceral.



- Em que época escreveu os livros *As Águas não Dormem*, *Purgatório*, *Chão de Infância* e *Cidade Enferma*?

- Nos dias da minha mocidade ferida com minhas experiências no Rio e nos sanatórios, escrevi a novela *As Águas não Dormem*, que até teve repercussão em Portugal. Curado, um dia fui procurar meu amigo Manuel Bandeira, que foi tuberculoso profissional, falou para desistir da tuberculose que ela não mais existia. Bem curado fui buscar meu *Chão de Infância*. Morando no bairro do Paraíso escrevi o romance *Purgatório*. Depois de alcançar o máximo atingi os enredos trágicos e amorosos do meu romance *Cidade Enferma*, premiado com o *Prêmio Coelho Neto*, da ABL.

- Você publicou um livro com o tema Cangaceiro?

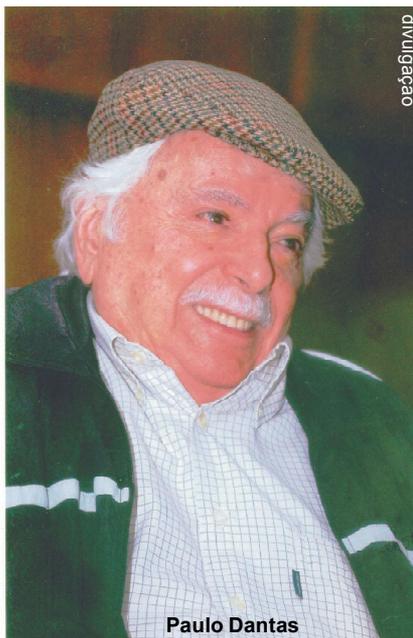
- Publiquei o livro *Lampião*, com capa de Edgar Kates, uma rapsódia, peça teatral, que levei para a exposição do Aldemir Martins.

- Por que o título *Vozes do Tempo de Lobato*?

- Quem deu o título foi o barroco Mário Graciotti, diretor do Clube do Livro. Ele quem me divulgou em todo o Brasil. O livro ficou esgotado, pois Carlos, da Editora Traço, soube distribuí-lo bem.

- Fale do seu trabalho na Francisco Alves e sobre as obras que editou?

- Na década de 60, a convite de Lélcio Castro Andrade, trabalhei na Francisco Alves. Editei Clarice Lispector, Osório Castro Alves e dirigi a *Coleção Alvorada*, que publicou Caio Porfírio Carneiro, Jorge Medauar, Hernâni Donato, Herman



Paulo Dantas

José Heipert, Carlos Lacerda, Barbosa Lessa, Moacir C. Lopes, Felício dos Santos e Paulo Dantas.

- Como foi sua amizade com Monteiro Lobato? E como o conheceu?

- Amizade feita pelo sofrimento por ele ter sido pai bastardo e ter me dado ajuda espiritual e financeira. Ele não me deixou cair. Havia uma estranha coincidência de ser parecido com seu filho Guilherme, tuberculoso falecido aos 24 anos, com a idade que cheguei lá. Conheci Lobato em São Paulo e ele me mandou para Campos do Jordão. Quando Lobato morreu foi como se eu tivesse perdido um pai. Foi ele quem me levou para a Brásiliense.

- O que você tem de semelhança com Monteiro Lobato?

- O Humanismo e a denúncia, o patriotismo, o nacionalismo e o

imaginário infantil. O caráter palpável - lamentando atualmente não exista um escritor como ele. Será que a inteligência está acabando?

- Qual sua semelhança com o filho de Lobato?

- Quando Lobato me mostrou o álbum de família, vi o retrato de Guilherme e tive um susto hereditário.

- Como você vê Monteiro Lobato e como se identifica?

- Como um protetor, estimulador, uma força telúrica, coração brasileiro universal e dadivoso. Tenho encontrado nele uma espécie de identificação sofrida. Será para sempre uma amizade na eternidade. Ainda o vejo baixinho no tamanho, andando sozinho, de sobretudo, no viaduto. Parecia um homem orgulhoso, grosso engano. Ele caminhava conduzindo nos ombros sorte para todos os problemas nacionais, gritando por uma imediata solução.

Paulo Dantas faleceu no dia 11 de junho de 2007, em São Paulo (SP). Recebi a notícia do seu falecimento do saudoso Cario Porfírio Carneiro que veio como uma punhalada no peito. Senti estava presa entre aquelas "muralhas cinzentas" porque havia perdido o amigo, pai, irmão e companheiro das Letras. Minha cidade ficou "enferma", o "lobo do planalto" havia se calado em viagem para a eternidade.

A obra do autor de *As Águas não Dormem* permanecerá sempre acordada. Os personagens criados por Paulo Dantas se eternizaram no tempo para manter viva a memória do jagunço-menino.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

marães Rosa ao Autor, *Sertão Desaparecido* - Trilogia Nordestina de Novelas, *Sayão: Adeus ao Oeste* (biografia), *Invenção dos Passaros* (romance juvenil), *Vozes do Tempo de Lobato* (antologia), *De repente o Mar* (novela), *Sertão Boi Santo*, *Delmiro Gouveia e outros sertões*, *Joana Imaginária*, *Lampião*, *Euclides, um gênio angustiado*, e *Euclides da Cunha e Guimarães Rosa - Através dos Sertões - Os Livros os Autores*.

Publicações no LV

Desabafo de um escritor mal pago, edição nº 4, dezembro de 1989; Da Pedagogia Lobatiana, nº 6, fevereiro de 1990; Severina Cartela, nº 7, março de 1990; Quando Ismália Enlouqueceu, nº 8, abril de 1990; No Largo de São Francisco, nº 9, maio de 1990; Paulo Dantas visto por ele mesmo, nº 10, junho de 1990; O Poema da Casa Avivada, nº 14, outubro de 1990; Xilogravuras, nº 17, janeiro de 1991; Lobato Valeano 1892 - 1982, nº 18, fevereiro de 1991; Vida Reles nº 19, março de 1991; Aristides Teodoro o livreiro audaz, nº 20, abril de 1991; Canção de Dalila para um velho rio, nº 21, maio de 1991; Sentimento da Terra, nº 22, junho de 1991; Cruzamento do bem querer poético, nº 28, dezembro de 1991; Semanas e Municípios Sertanejos, nº 32, abril de 1992; Viver em São Paulo, nº 35, julho de 1992; Duras Lembranças de Graciliano Ramos, nº 38, outubro de 1992; A Morte de Monteiro Lobato proclamada por Mário de Andrade, nº 39, novembro de 1992; Paulo Setubal aos 100 anos, nº 41, janeiro de 1993; Nem sempre a relva é verde, nº 42, fevereiro de 1993; Do Alheio Julgamento, nº 46, julho de 1993; Euclides e Rosa, nº 47, agosto de 1993; Anatomia Singular de uma ansiedade artística, nº 52, dezembro de 1993; A Musa Candanga de Brasília, nº 56, março de 1994; Catavento, nº 68, abril de 1995; Semanas e Municípios Sertanejos, nº 73, setembro de 1995; Sentimento Rural ou Sabor da Terra, nº 77, janeiro de 1996; A Vida é uma Dança, nº 80, abril de 1996; Conversas Rosianas, nº 82, junho de 1996; O Menino da Floresta, nº 86, outubro de 1996; Relembrando os Epigramas de Atilio Milano, poeta e escritor, nº 90, fevereiro de 1997; Monteiro Lobato: Cinquentenário de Morte, nº 105, maio de 1998; Um Livro com Cheiro de Saudade, nº 117, maio de 1999; Tempo para tudo, nº 119, julho de 1999; Carta Aberta, nº 125, janeiro de 2000; 80 anos de Tatiana, nº 126, fevereiro de 2000; Bandeira, meu amigo, nº 127, março de 2000; Lobato Campeão da Comunicação, nº 131, junho de 2000; A poetisa Rosani vira guerreira da montanha, nº 133, setembro de 2000; O livro do Mindlin, nº 138, fevereiro de 2001; Poeirama, nº 170, outubro de 2003; Rotatória Euclidian, nº 172, dezembro de 2003; Cosmos - Emoção Baioneira, nº 183, novembro de 2004; A Descoberta de um autor piracicabano, nº 190, junho de 2005; Piracicaba, meu amor, nº 197, janeiro de 2006; Antonio Possidonio Sampaio ou a novela urbana e social, nº 200, abril de 2006; Poeirama me contou, nº 203, XVII, julho de 2006; Poeirama me contou desabafos culturais, nº 207, XVIII, novembro de 2006; e Centenário de Caio Prado Júnior, nº 210, XVIII, fevereiro de 2007.

Bibliografia

Mentalidade Infantil (Crônicas), *Muralhas Cinzentas...* (novela), *As Águas não dormem* (novela), *Cidade Enferma* (romance), *Chão de Infância* (novela), *Purgatório* (romance), *O Livro de Daniel* (romance), *Capitão Jagunço* (ficção narrativa), *Sertões do Boi Santo - Rapsódia para um filme*, *Tobias Barreto* (biografia), *Aluisio Azevedo* (bi-

ografia), *Coelho Neto* (biografia), *Mark Twain, o Alegre Vencedor das Tormentas* (biografia), *Euclides, Opus 66, Quem foi Antonio Conselheiro, Os Sertões de Euclides e Outros Sertões, Estórias e Lendas do Nordeste* (antologia), *Rio em Tempo de Amor* (antologia), *Antologia Euclidian, Viaduto* (romance), *O Menino Jagunço, O Filho de Mississippi, O Lobo do Planalto* (romance), *Presença de Lobato* (ensaio), *Sagarana Emotiva - Cartas de Gui-*



Imagens da cidade

Rosani Abou Adal

MASP, Pinacoteca,
MAM, MIS, Cinemateca,
museus do Ipiranga
e da Língua Portuguesa
encantam com seus acervos.
Biblioteca Mário de Andrade,
memória viva da cidade,
mata a sede de leitura
do povo paulistano.
Teatro Municipal, palco do Modernismo,
de braços abertos
para o Vale do Anhangabaú,
conclama o povo
para se alimentar de Cultura.
Imagens em HD
da cracolândia, Sala São Paulo.
Praças da Sé, Liberdade e República.
Rua 25 de Março, homens de negócios,
operários e empregados,
dos refugiados, imigrantes
e emigrantes sem Porto Seguro,
escravos que saciam a fome,
a sede e a ganância dos poderosos,
engravadados da Bolsa de Valores,
trabalhadores sem registro
que ganham a vida como camelôs,
pedintes do viaduto do chá,
trombadinhas invisíveis,
mulheres de salto alto,
empresários de pasta 007,
animais abandonados,
crianças sem abrigos,
mendigos em ascensão,
animais humanos e suas carroças,
catadores de recicláveis,
moradores de rua,
comunidades horizontais,
colmeias verticais,
políticos manipuladores
e seus comícios narcotizantes,
manifestações e protestos
na Avenida Paulista e no Centro da Cidade.
Imagens em Terceira dimensão,
lentes objetivas em ação,
fotografam as arenas
de Itaquera e Barra Funda,
estádios do Morumbi e Pacaembu,
templos e igrejas,
Memorial da Resistência,
Planetário, os parque do Ibirapuera,
Água Branca, Carmo, Burle Marx, Trianon,
Jardim da Luz, Guarapiranga,
Serra da Cantareira,
Memorial da América Latina,
o Tietê de Mário de Andrade
e as flores do Arouche e Araçá.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

LA RAGAZZA DI MIZPA

“A MOÇA DE MASFA”

Maria de Lourdes Alba

Autor - Angelo Manitta
Tradução- Alexandru Solomon
Il Convivio Editore

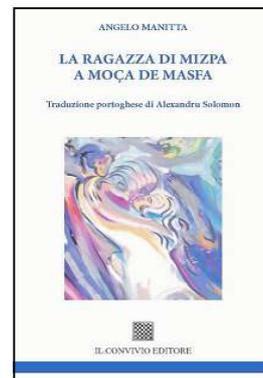
O livro retrata em vários poemas a Moça de Masfa, que foi prometida aos deuses em troca da vitória em guerra que parecia impossível.

O pai depara com a realidade de ter que sacrificar sua única filha, aquela que ele ama e adora para cumprir promessa ao seu Deus. A primeira pessoa que ele encontrasse em sua casa seria entregue, mas quando sentiu que a filha lhe era a tal pessoa temeu pelo que tinha de mais grato e de mais importante na vida, não recuou e foi fiel a dita promessa.

Um drama impressionante em que Angelo Manitta discorre em versos sequenciais com que relata e conta todo o dilema e o sofrimento com que o pai e a moça se deparam. Ambos são resignados pela situação e a espera solicitada pela moça de dois meses antes da execução lhe é concedida, o que só aumenta a angústia.

A história é belíssima e nos traz pontos de reflexão em que se trabalha a Vida e a Morte, o amor e a resignação diante da promessa concedida e a força do Divino entre ambos.

Os poemas tem um sutil refinamento com abrangência de sentimentos e valores culturais e religiosos que levam o leitor ao conhecimento, a reflexão, usando elementos da natureza e de forma poética efusiva. A sensibilidade com que o autor trabalha os versos nos traz a compreensão e nos coloca cara a cara com os princípios e as concepções que regem o Divino.



Não se trata de uma simples antologia, há que se notar que a Moça de Masfa foi devidamente estudada e os poemas detalhados na passagem bíblica, respeitando a sequência e a essência em passos desnudados de cultura e êxtase, fazendo uso da mitologia grega entrelaçada com os elementos bíblicos.

A força dos deuses entalhada em palavras vãs, no apelo ofegante da vitória e da continuidade da existência, resulta no sacrifício da única filha, no questionamento dos por quês?

Num contexto de beleza com que o autor trabalha e na eficiência da tradução ao lermos em voz alta percebo que a leitura vai envolvendo e vai crescendo, crescendo, até chegar ao ápice, finalizando em trombetas de tons orquestrais e dramáticos, atingindo o êxtase até o suspiro final.

Magnífica obra com abrangência cultural perfazendo tons de serenidade com que é relatada. Merece ser lida e estudada.

Recomendo!

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

Revisão - Aulas Particulares

Profa. Sonia Adal da Costa

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



Arroz-doce

Evaldo Balbino

Neste 1º de janeiro de 2022, depois de longos tempos sombrios, um pouco de sonho, porque sem o sonho não se pode viver.

As circunstâncias ainda são difíceis. A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 não está de todo controlada. Alguns países estão passando aperto. No caso do Brasil, vamos caminhando em meio a negacionismos e a relaxamentos do governo e de milhões de pessoas. As Boas Festas de fim e de início de ano acontecem na medida do possível, sem alardes públicos. Tomara que sejam mesmo boas, sem abusos, sem excessos. Os carnavais previstos para o próximo fevereiro têm sido cancelados, por precaução. Façamos nossa parte e confiemos em Deus!

Apesar de tanta coisa áspera, a lisura da vida nos convida para mesa farta. Mesa doce, seja no presente ou no passado. Assim são as mãos de minha mãe. Desde tempos antigos, suas doces mãos sempre fizeram um caudaloso doce de arroz ou, como chamamos, arroz-doce.

Na minha infância que já vai longe, não tínhamos condições de comprar grande quantidade de leite. Família grande, muita boca. Mas nos dias de Ano Novo, fazendeiros da região davam leite para as pessoas. Boa ação para abrir um novo calendário. Meus irmãos e eu íamos serelepes pelas estradas, e voltávamos com baldes embebidos do lauto leite, gordura para a vida inteira, nata de nos fazer nascer de novo. E em casa as mãos de mãe pegavam a colher de pau e iam mexendo, mexendo sem cansaço o leite, o açúcar e o arroz dentro do tacho.

Houve um Ano Novo em que o doce foi interrompido por uma intempérie? Sim, houve. A chuva incessante descia pelos corpos das casas e lhes agarrava os seios expostos e friorentos. De repente, um deslizamento de lama, a morte de um menino, a cidadezinha em alvoroço, minha tia (a irmã mais velha de minha mãe) com as mãos na cabeça e clamando pelo Sagrado Coração de Jesus.... Tudo isso está na minha memória e quer insistir agora em sujar o doce suculento que minha mãe fazia...

Não! Basta de dor! Parem as tormentas pelas quais estamos atravessando, o Brasil e o mundo! Que em 2022 tenhamos melhores condições sanitárias! Que saibamos escolher melhor os nossos governantes, e que eles de fato se preocupem com as questões humanas! Cesse tudo o que é ruim, pois, parodiando Camões, um valor mais alto agora se levanta!

E é o arroz-doce dentro do tacho que se nos mostra! Uma luz de prata densa e caudalosa, o sucucento manjar renovando a delícia de viver.

É tão bom olhar o arroz-doce! A espuma se formando, a colher em movimentos circulares para o leite não transbordar. E o caldo engrossando, ganhando substância. "Não coma quente, menino, que dá dor de barriga!" E o garoto teimoso mesmo assim vai experimentando a iguaria. A boca da infância sugando gulodices. Boca maior do que o mundo, e o coração dilatado de tanta alegria. A dor de barriga não é problema para vida tão boa e tão amiga.

Hoje minha mãe não tem mais o costume de fazer em todo dia 1º de janeiro o arroz-doce enchendo um tacho. Depois de anos de dificuldade, meus pais passaram a conseguir comprar o leite. O doce continuou sendo feito, nossas bocas unidas num ritual sagrado. Mas hoje, aos 76 anos, nossa matriarca clamou por mais sossego. Afinal, o tempo vai pesando sobre nós.

Mesmo não se fazendo mais a guloseima, lá em nossa casa estão os dois, minha mãe e meu pai, 76 e 81 anos, respectivamente. Espertíssimos! Mais unidos do que nunca! E vivendo a vida em sua plenitude. Minha mãe mostra alguns poucos ares de cansaço, mas não deixa de beijar o fôlego que Deus lhe concede. Meu pai sempre diz que, se tivesse jeito, queria que seu corpo fosse eterno, porque o mundo, segundo ele, é bom demais.

É doce, sempre doce, o modo como eles me olham e me convidam para viver! E, me olhando, continuam fazendo um arroz-doce que nunca mais vai se acabar.

Evaldo Balbino é escritor, poeta e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: evaldo_balbino@yahoo.com.br

Presente de Mulher

Angela Togeiro

A flor murcha num pouco d'água tomou seu viço e reabriu.

Amanheceu fechada: passou seu tempo.

Um botão ao lado entreaberto na tarde achou sua plenitude.

E outros pequeninos estão crescendo.

Amanhã haverá outra aberta...

enquanto houver botões.

Depois, sementes...

à espera de serem flores,

memória da que a gerou.

O ciclo da existência num presente de mulher.

Angela Togeiro é membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia Feminina Mineira de Letras.

A VIAGEM

Raymundo Farias de Oliveira

Era noite de verão
a lua branca despontava
esplendorosa e sossegada
na fimbria do horizonte
o céu era um pálido infinito
bem azul cravado de estrelas
a nos proteger em nossa aventura
nossas mãos se abraçaram com sofreguidão
e respiramos apaixonadamente
a carruagem e seus fogosos
cavalos alados nos conduziam
com extrema delicadeza e ternura
seguindo as ordens do cocheiro
repentinamente um silêncio poético nos envolveu
era o fim da viagem!
Cinco horas da manhã
acordei chorando de emoção...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

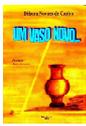
Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Cláudio de Cápua

Cláudio de Cápua, escritor, poeta, prosador, editor, aviador e jornalista, faleceu no dia 5 de dezembro, em Santos (SP), vítima de um aneurisma. Nasceu no dia 8 de março de 1945, em São Paulo (SP), e residia em Santos. Era casado com a poeta e escritora Carolina Ramos. Foi um dos fundadores da seção da UBT São Paulo - Capital, no final da década de 60. Autor de *Santos Dumont Dompteur de L'espace, Itinerário Poético / Coletânea, Brasileiros Que Sobrevoaram o Mundo, Fim da Chibata na Marinha de Guerra, Momento de Trovas - Coletânea de Trovas, Revolução na Paulicéia - Semana de Arte Moderna de 1922*, entre outras obras. Foi agraciado com o Prêmio Clio de História com os livros *A Revolução de 1924* e *Fim da Chibata na marinha de Guerra*.

Iika Jardim, pianista, escritora e poeta arperjiana, faleceu no dia 28 de dezembro de 2021. Formada pelo Conservatório Brasileiro de Música. Participou de coletâneas publicadas sob o selo da Oficina Editores. Membro da Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro. Foi agraciada, como intérprete e autora, com o poema *Maria da Silva*, no Festival de Poesia Falada de Campos dos Goytacazes. Autora de *Maria da Silva* e *Outros Poemas*.

Invenção e crítica - sobre a obra de Davi Arrigucci Jr., vários autores, organizada por Marta Kawano, Milton Hatoum e Samuel Titan Junior, foi lançada pela Companhia das Letras. Davi Arrigucci Jr. é crítico literário e professor da Universidade de São Paulo.

Bibliotecários, Cientistas de Informação, no projeto o Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, com o objetivo de unir crianças e livros. Autor de *São Paulo - de Colina a Cidade, O Sol e a terra - uma história de amor*, entre outras obras.

O verão e as mulheres, de Rubem Braga, livro de crônicas, que foram publicadas pela primeira vez em 1986 e escritas pelo autor entre 1953 e 1955, foi lançado pela Editora Global.

O Sindicato Nacional dos Editores de Livros elegeu sua diretoria para o triênio 2022/2024 que será presidida por Dante Cid. Ele também ocupa o cargo de vice-presidente de relações acadêmicas da Elsevier na América Latina e de presidente do Instituto Pró-Livro.

Mariana Brecht lançou *Labirinto: um livro a ser jogado, um jogo a ser lido*, com formato interativo, pela Editora Jandaíra, que reúne uma coletânea de poemas. O livro-jogo conta com as ilustrações de Laura Athayde e projeto gráfico do estúdio Dorotéia.

A Associação Nacional de Livrarias elegeu, no dia 14 de dezembro de 2021, nova diretoria para o Biênio 2022/23 que será presidida por Marcus Teles, presidente da rede de livrarias Leitura. Diretoria: Vice-presidente financeiro - Alexandre Martins Fontes, Diretor Secretário - Vitor Tavares, Diretor de Comunicação - Rui Campos e Diretor Institucional - Bernardo Gurbanov. Suplentes: Nivaldo Madureira A. Junior, Samuel Seibel e Leandro Teles. Conselho Fiscal: Monica de Carvalho Pereira, Julio Cesar Augusto da Cruz e Elga Pedri.

Amir Piedade, editor, escritor e professor, faleceu, aos 57 anos, no dia 21 de dezembro de 2021, vítima da Covid-19. Exerceu o cargo de presidente da Fundação Nacional para o Livro Infantil e Juvenil. Trabalhou com a Câmara Brasileira do Livro e com a Federação Brasileira de Associações de

O Troféu Rio, concedido anualmente pela União Brasileira de Escritores/RJ, agraciou Tanussi Cardoso, Reynaldo Valinho Alvarez (in memoriam) e Dalma Nascimento. A cerimônia foi realizada de forma virtual, no dia 6 de Janeiro, pelo canal do Youtube UBERJ. <https://www.youtube.com/channel/UC86R84QjpMWdN8zr6nj0aNg>

Lya Luft, escritora, poeta, contista, cronista, ensaísta, tradutora, professora universitária e autora de livros infantis, faleceu no dia 30 de dezembro de 2021, em Porto Alegre (RS). Nasceu em 15 de setembro de 1938, em Santa Cruz do Sul (RS). Autora de *O quarto fechado, As parceiras, O rio do meio*, entre outras obras. Traduziu Virginia Woolf, Rainer Maria Rilke, Hermann Hesse e Doris Lessing.

JB Donadon-Leal, escritor, professor, poeta e compositor, lançou o álbum *Marchinhas de carnaval - Instrumental* que abriga 12 marchinhas carnavalescas e frevos em instrumental suave, mas no andamento de desfile de carnaval de rua, em 140bpm. As músicas carnavalescas legendadas estão disponíveis no canal J. B. Donadon-Leal do YouTube.

Andreia Donadon e José Benedito Donadon Leal serão publicados na Revista Araucária, no Chile, no primeiro semestre de 2022. Foram selecionados, por um corpo editorial, como únicos representantes brasileiros na edição "150 anos do Commune de Paris 1871 e centenário de nascimento de Paulo Freire".

A Livraria Leitura inaugurou, no dia 30 de dezembro, mais uma loja em Fortaleza, no Piso L2, no Shopping RioMar Kennedy.

O Homem sem Relógio, poemas de Carlos Henrique Costa, foi lançado pela Editora Circuito.

Ana Maria Machado, membro da Academia Brasileira de Letras, lançou *Rastros e Riscos: minhas memórias de leitores*, Coleção Delas, pela Editora Ática. A obra, que reúne memórias autobiográficas, foi lançada em reconhecimento da sua extensa contribuição para a cultura nacional.

Luiz Carlos Abritta, escritor, ensaísta, trovador, advogado, historiador e Procurador de Justiça aposentado, faleceu no dia 17 de novembro de 2021, em Belo Horizonte (MG), aos 86 anos. Nasceu em 24 de janeiro de 1935, em Cataguases (MG). Exerceu o cargo de presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, de presidente nacional, estadual e local da União Brasileira de Trovadores e de vice-presidente da Federação das Academias de Letras e Cultura de Minas Gerais. Membro da Academia de Letras do MPMG - Ministério Público de Minas Gerais. Autor de *Poemas, Sonho e Saudade, Aurora Plena*, entre outras obras.

A Fundação Biblioteca Nacional, Av. Rio Branco 219, reabriu ao público no dia 13 de dezembro de 2021 e funcionará inicialmente, de segunda a sexta-feira, das 12 às 16 horas. www.bn.gov.br/sobre-bn/enderecos-atendimento

Daniel Bilenky Mora Fuentes e Lizandra Magon de Almeida foram eleitos conselheiros do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo. Néliida Capela e Maria Cristina Palhares foram eleitas suplentes. Para a Educação Básica foram eleitas Amanda Ribeiro Panciera como titular e Fabiana Marchetti como suplente.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

